

# Um novo urbanismo

**WALDIR SALVADOR**

Superintendente da CSul  
Desenvolvimento Urbano

Há no Brasil, atualmente, 12 metrôpoles, classificadas em regionais, nacionais e globais, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que analisa a influência dessas cidades, baseada em fatores como extensão territorial, população, serviços oferecidos, universidades, bancos, entre outros. Esses grandes centros têm características em comum, que chamam a atenção para questões relacionadas, principalmente, ao planejamento urbano, que, conseqüentemente, traz discussões sobre mobilidade, desenvolvimento sustentável e qualidade de vida.

Ao longo do processo de ocupação dos espaços na história das civilizações ocorreram (e ocorrem) o movimento natural de criação de centralidades em torno de núcleos políticos, comerciais, cívicos ou religiosos, que concentram as atividades cotidianas e o exercício da coletividade. No entanto, a partir do momento em que essas aglomerações crescem horizontalmente e o fluxo em direção aos centros se torna mais intenso e complexo surgem outras centralidades, que podem ser planejadas ou não, onde as necessidades de moradia, emprego, lazer e outros serviços também passam a ser atendidas. São localidades que se mostram como alternativa para atenuar os efeitos do

Meta é a formação de núcleos de lazer, serviços e comércio

trânsito caótico das grandes cidades e do sistema precário de transporte coletivo, com soluções mais sustentáveis e que ofereçam mais qualidade de vida à população. No caso das centralidades plane-

jadas, existem diversos exemplos de projetos de desenvolvimento urbano no Brasil que oferecem empregos, moradia e lazer em um só lugar, que propõem a mistura de usos, bem como de renda e idade, em espaços públicos onde é possível realizar a maior parte das atividades cotidianas a pé ou de bicicleta e que também disponibilizam um transporte público eficiente e conectado a outras centralidades. Nesse sentido, podemos destacar a Cidade Pedra Branca, em Palhoça (Santa Catarina), a Granja Marileusa, em Uberlândia (Triângulo Mineiro), que surgiram baseadas no conceito de que as cidades devem ser construídas para as pessoas (não para dar prioridades aos automóveis), onde todos possam se encontrar e conviver em harmonia uns com os outros e com a natureza. Na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), o conceito de centralidade ganha força com a criação da CSul, um dos maiores projetos de desenvolvimento urbano do país que irá oferecer mobilidade, segurança, sustentabilidade, infraestrutura de moradia, comércio, serviços e lazer na mesma região, em uma área de 27 milhões de metros quadrados.

Todos os projetos de centralidades planejadas se baseiam na lógica do adensamento, a exemplo do que já ocorre em cidades como Paris, Madri e Barcelona, que se empenham em otimizar a sua infraestrutura de modo a viabilizar o passeio e o encontro das pessoas. Essa também é a meta de grandes centros urbanos no mundo e no Brasil, uma vez que tem sido cada vez mais difícil administrar o grande contingente de pessoas que saem das periferias para o Centro, pela manhã, retornando no fim do dia para casa, impactando diretamente nos horários de pico no trânsito, os metrô e ônibus. Diante desse cenário, as centralidades se configuram como uma solução para o surgimento de regiões e bairros equilibrados e autossuficientes, onde seja possível a criação de empregos, moradias e espaços de lazer.